

O QUE PODEMOS APRENDER COM OS PSICOPATAS



*O que os santos, espiões e serial killers
nos podem ensinar acerca do sucesso*

KEVIN DUTTON

INVESTIGADOR DA UNIVERSIDADE DE OXFORD

Conteúdos

Prefácio	9
> Capítulo 1 :: A Pulsão do Escorpião	19
> Capítulo 2 :: O Verdadeiro Psicopata, É Favor Dar Um Passo em Frente	51
> Capítulo 3 :: Carpe Noctem	89
> Capítulo 4 :: A Sabedoria dos Psicopatas	115
> Capítulo 5 :: Faz de Mim Um Psicopata	147
> Capítulo 6 :: As Sete Vitórias Mortais	181
> Capítulo 7 :: Supersanidade	209
Notas	247
Agradecimentos	275
Nota do Autor	279

A Pulsão do Escorpião

Grande e Bom raramente são o mesmo homem.

WINSTON CHURCHILL

Um escorpião e uma rã encontram-se na margem de um rio. Ambos precisam de atravessar para o outro lado.

“Viva, Sr.^a Rã!”, chama o escorpião por entre os caniços. “Não fazia a fineza de me dar uma boleia às suas costas para atravessar o rio? Tenho questões importantíssimas a resolver na outra margem e não consigo nadar com uma corrente tão forte.”

A rã desconfia de imediato.

“Bem, Sr. Escorpião”, responde ela, “eu percebo que tenha coisas importantes a tratar do outro lado do rio. Mas pense lá só um momento no pedido que acaba de me fazer. O senhor é um escorpião. Tem um grande aguilhão na ponta da cauda. Assim que eu o deixar subir para as minhas costas, é absolutamente da sua natureza picar-me.”

O escorpião, que já esperava estas objeções, contrapõe:

“Minha cara Sr.^a Rã, as reservas que me expõe são perfeitamente razoáveis. Mas não é, claramente, do meu interesse picá-la. Preciso mesmo de passar para a outra margem. E dou-lhe a minha palavra de honra de que não lhe farei mal algum.”

A rã concorda, com alguma relutância, com o argumento do escorpião. Permite então ao loquaz artrópode trepar-lhe para as costas. E, sem mais, salta para a água.

De início, tudo corre bem, exatamente de acordo com o planeado. Mas, a meio caminho, a rã sente subitamente uma dor aguda no dorso – e ainda tem tempo de ver pelo canto do olho o escorpião retirar-lhe o ferrão da pele. Um entorpecimento mortífero começa a subir-lhe pelos membros.

“Insensato!”, coaxa a rã. “Disse que precisava de atravessar o rio para tratar dos seus negócios. Agora vamos morrer!”

O escorpião encolhe os ombros e esboça uns passos de dança sobre o dorso da rã, que se afoga.

“Sr.^a Rã”, replica com displicência, “a senhora mesma o disse. Eu sou um escorpião. Está na minha natureza picá-la.”

E, com isso, escorpião e rã desaparecem nas águas escuras e lamacentas da torrente.

E nunca mais nenhum foi visto.

Ideia a Reter

No seu julgamento, em 1980, John Wayne Gacy declarou, com um suspiro, que a única coisa de que era verdadeiramente culpado era de “gerir um cemitério sem licença municipal”.

E que cemitério. Entre 1972 e 1978, Gacy tinha violado e assassinado pelo menos trinta e três homens jovens e rapazes (com uma média de idades de cerca de dezoito anos), antes de os enfiar na cave da sua casa. Uma das suas vítimas, Robert Donnelly, sobreviveu às atenções de Gacy, mas foi torturado de forma de tal modo cruel pelo seu captor que, em diversos momentos da sua provação, lhe suplicou que “acabasse com tudo” e o matasse.

Gacy achou graça. “Estou a tratar disso”, replicou.

Já segurei nas mãos o cérebro de John Wayne Gacy. A seguir à sua execução, em 1994, por meio de injeção letal, a Dr.^a Helen Morrison – testemunha de defesa no seu julgamento e uma das especialistas mundiais em assassinos em série – participou na sua autópsia num hospital de Chicago, regressando a casa com o cérebro de Gacy a saltitar num vulgar frasco de vidro, ao seu lado, no assento do seu Buick. Era sua intenção averiguar se haveria algo nele – lesões, tumores, outro tipo de doenças – que o tornasse diferente dos cérebros das pessoas normais.

Os testes não revelaram nada fora do comum.

Anos mais tarde, tomando café no seu gabinete de Chicago, tive oportunidade de conversar com a Dr.^a Morrison acerca das suas descobertas. Ou, antes, acerca do facto de não ter descoberto... nada.

“Significa isso”, perguntei-lhe, “que no fundo somos todos psicopatas? Que cada um de nós abriga a propensão para violar, matar e

torturar? Se não há diferença nenhuma entre o meu cérebro e o cérebro do John Wayne Gacy, então, onde reside exatamente a diferença?”

A Dr.^a Morrison hesitou antes de formular uma das verdades mais fundamentais da Neurociência.

“Um cérebro morto é muito diferente de um cérebro vivo”, explicou-me ela. “Por fora, podem ser muito parecidos, mas funcionam de modo totalmente diferente. Aquilo que altera o equilíbrio é o que acontece quando as luzes estão ligadas e não desligadas. Gacy era um caso tão extremo que me perguntei se não haveria mais alguma coisa a contribuir para os seus atos – algum dano, alguma lesão do cérebro, ou talvez uma anomalia anatômica. Mas não havia nada. Era perfeitamente normal. O que só serve para demonstrar como o cérebro pode por vezes ser complexo e impenetrável, relutante em revelar os seus segredos. Como diferenças de educação, por exemplo, ou outras experiências aleatórias podem provocar mudanças subtis na programação interna e na química do cérebro, sendo depois responsáveis por mudanças colossais de comportamento.”

As referências de Morrison a luzes e a mudanças colossais de comportamento recordaram-me um rumor que ouvi um dia acerca de Robert Hare, professor de Psicologia na Universidade da Columbia Britânica e um dos maiores especialistas mundiais em psicopatia. Na década de 1990, Hare apresentou um artigo a um jornal académico. Nele, incluiu os eletroencefalogramas realizados tanto em psicopatas como em não psicopatas enquanto realizavam aquilo que no meio se designa por tarefa de decisão lexical. Hare e a sua equipa de coautores do artigo apresentaram aos participantes uma série de sequências de letras. De seguida, pediram-lhes que decidissem, no mais curto espaço de tempo possível, se essas sequências formavam ou não uma palavra.

Aquilo que descobriram foi extraordinário. Enquanto os participantes normais identificavam palavras dotadas de carga emocional, como “c-a-n-c-r-o” ou “v-i-o-l-a-r” mais depressa do que palavras neutras como “á-r-v-o-r-e” ou “p-r-a-t-o”, outra coisa se passava com os psicopatas. Para estes, a emoção era totalmente irrelevante. O jornal rejeitou o artigo. Ao que parece, não por causa das conclusões, mas antes por causa de algo ainda mais extraordinário. É que alguns dos

padrões dos eletroencefalogramas, alegaram os revisores científicos, eram tão anormais, que seria *impossível* pertencerem a pessoas reais. Mas, evidentemente, pertenciam.

Intrigado com a minha conversa com a Dr.^a Morrison em Chicago, relativamente aos mistérios e enigmas da mente psicopática – ou melhor, à recalcitrância neural em geral –, visitei Hare em Vancouver. Perguntei-lhe se o rumor era verdadeiro. O seu artigo fora realmente rejeitado? E, caso fosse verdade, qual era o problema?

“Há quatro tipos diferentes de ondas cerebrais”, disse-me ele, “desde as ondas beta, que ocorrem durante períodos de vigília pronunciada, até às ondas delta, que acompanham o sono profundo, passando pelas ondas alfa e teta. Estas ondas refletem os níveis flutuantes de atividade elétrica no cérebro, em diferentes momentos. Nas pessoas normais, as ondas teta estão associadas a estados de sonolência, meditação ou sono. Nos psicopatas, porém, ocorrem durante os estados normais de vigília – e até mesmo, por vezes, no decurso de estados de excitação elevada...”

“A linguagem, para os psicopatas, só tem a profundidade das palavras. Não tem nenhum contorno emocional. Um psicopata pode dizer algo como ‘Amo-te’, mas, na realidade, para ele, isso equivale a dizer ‘Vou beber café’... Esta é uma das razões pelas quais os psicopatas permanecem tão contidos, calmos e frios em condições de extremo perigo, explicando igualmente a sua propensão para agir em função de recompensas e para correr riscos. Os seus cérebros, de forma bastante literal, estão menos ‘ligados’ do que os cérebros das outras pessoas.”

Lembrei-me novamente de Gacy e daquilo que aprendi com a Dr.^a Morrison.

De aspeto exterior normal (Gacy era um pilar da comunidade onde vivia, tendo chegado a ser fotografado com a Primeira Dama Rosalynn Carter), camuflava o seu escorpião interior sob um manto de ternura e encanto. Mas estava-lhe *totalmente* na natureza picar. Mesmo quando estava prestes a partir deste mundo. “*Kiss my ass*” foram as suas últimas palavras à entrada da câmara da morte.

Ver para Crer

Fabrizio Rossi tem trinta e cinco anos de idade e trabalhou, em tempos, a lavar janelas. Mas a sua predileção pelo assassinio acabou por levar a melhor. E agora, imaginem, vive disso.

Juntos, numa amena manhã de primavera, espiolhando com algum constrangimento o quarto de dormir de John Wayne Gacy, pergunto-lhe de que se trata. O que têm os psicopatas que nos parece tão irresistível? Porque nos fascinam tanto?

Não foi, definitivamente, a primeira vez que lhe fizeram tal pergunta.

“Acho que a questão principal em relação aos psicopatas”, disse-me Rossi, “é o facto de, por um lado, serem tão normais, tão parecidos com o resto das pessoas, mas, por outro lado, tão diferentes. Por exemplo, o Gacy até se vestia de palhaço para atuar em festas infantis... É isso que têm os psicopatas. Por fora, parecem tão banais. Mas raspamos um bocadinho a superfície, espreitamos para a cave, por assim dizer, e nunca sabemos o que podemos encontrar.”

Não estamos, evidentemente, no verdadeiro quarto de dormir de Gacy, mas numa versão simulada, integrada numa exposição do museu que é um sério candidato ao título de mais horrendo do mundo: o Museu dos Assassinos em Série, em Florença. Está localizado na Via Cavour, uma próspera artéria situada nas proximidades do Duomo.

Fabrizio Rossi é o conservador.

O museu tem muitas visitas. E porque não haveria de ter? Estão todos lá, para quem se interessa pelo tema. Todos mesmo, de Jack, o Estripador, a Jeffrey Dahmer. De Charles Manson a Ted Bundy.

O caso de Bundy é bastante interessante, comento com Rossi. Um portento sinistro que ilustra os poderes ocultos do psicopata. Um sinal fascinante da possibilidade de haver nas caves dos psicopatas, quando se procura bem, mais do que apenas segredos *macabros*.

Ele mostra-se surpreendido, para não dizer mais.

“Mas o Bundy é um dos mais famosos assassinos em série de toda a história”, diz-me. “É uma das maiores atrações do museu. Que mais podia haver *senão* segredos macabros?”

Muita coisa. Em 2009, vinte anos após a sua execução na Prisão Estadual da Florida (no preciso momento em que Bundy era conduzido à cadeira elétrica, as rádios locais instaram os ouvintes a desligar os eletrodomésticos, para maximizar a intensidade da corrente elétrica), a psicóloga Angela Book e os seus colegas da Universidade Brock, no Canadá, decidiram levar à letra o assassino em série americano. Durante a entrevista que lhe fizeram, Bundy, que tinha esmagado os crânios de trinta e cinco mulheres ao longo de um período de quatro anos, em meados da década de 1970, afirmou, com aquele sorriso pueril tipicamente americano que o caracterizava, que era capaz de distinguir uma “boa” vítima unicamente pela sua forma de caminhar.

“Eu sou o filho da mãe mais frio que vocês alguma vez hão de conhecer”, disse Bundy. E ninguém o contestará. Mas seria também, interrogou-se Book, um dos mais astutos?

A fim de descobrir, preparou uma experiência simples. Primeiro, entregou a quarenta e sete estudantes universitários do sexo masculino a Escala de Psicopatia Autoaplicável – um questionário especificamente concebido para avaliar traços psicopáticos na população em geral, por oposição a ambientes prisionais ou hospitalares. De seguida, dividiu o grupo segundo as pontuações altas ou baixas. Registou então em vídeo a forma de caminhar de doze novos participantes, ao longo de um corredor, entre uma primeira sala e outra em que preencheram um questionário demográfico. Este incluía duas perguntas: (1) Alguma vez se encontrou na situação de vítima? (sim ou não) (2) Em caso afirmativo, quantas vezes isso ocorreu?

Finalmente, Book apresentou os doze registos em vídeo aos primeiros quarenta e sete participantes, lançando-lhes um desafio: classificar numa escala de 1 a 10 quão vulnerável era cada um dos participantes a ser assaltado. A sustentação racional era simples. Se a afirmação de Bundy se comprovasse, e ele realmente *tivesse* sido capaz de detetar a fraqueza a partir da forma de caminhar das suas vítimas, então, inferiu Book, seria de esperar que os participantes que registassem pontuações mais elevadas na Escala de Psicopatia Autoaplicável avaliassem melhor a vulnerabilidade do que os que tivessem obtido pontuações mais baixas. Foi exatamente isso que os resultados vieram demonstrar. E quando Book repetiu a experiência com

psicopatas clinicamente diagnosticados de uma prisão de máxima segurança, encontrou algo mais. Os estudantes universitários de mais elevada pontuação “psicopática” do primeiro estudo até podiam ser bons a identificar a fraqueza. Mas os psicopatas *clínicos* iam um passo mais além: afirmavam explicitamente que a vulnerabilidade se podia inferir a partir da forma de caminhar das pessoas. Tal como Bundy, sabiam precisamente o que procuravam.

Os Homens Que Fitam os Casacos

As descobertas de Angela Book não desiludem. O seu estudo é apenas um entre inúmeros que, ao longo dos últimos anos, começaram a apresentar-nos o psicopata a uma nova luz, mais complexa: uma luz algo diferente das sombras sensacionalistas lançadas pelos títulos dos jornais e pelos argumentistas de Hollywood. A novidade é difícil de engolir. Para tal, requer-se a mesma coisa aqui, neste cantinho assassino de Florença, que em praticamente todo o mundo: uma dose saudável de ceticismo.

“Está a querer dizer-me”, pergunta-me Fabrizio, incrédulo, “que há ocasiões em que não é necessariamente mau ser-se psicopata?”

“Mais do que isso” respondo, acenando afirmativamente, “há vezes em que é de facto bom – vezes em que, pelo facto de sermos um psicopata, dispomos de uma vantagem relativamente às outras pessoas.”

Rossi mostra-se muito pouco convencido. Olhando em volta, é fácil perceber porquê. Bundy e Gacy não são propriamente as melhores companhias que se podem ter. Convenhamos que, percorrendo as alas deste museu, é difícil ver o lado positivo. Mas o Museu de Assassinos em Série não conta toda a história. Na verdade, não conta nem metade. Como me elucidou eloquentemente Helen Morrison, o destino de um psicopata depende de toda uma gama de fatores, incluindo genes, contexto familiar, educação, inteligência e oportunidade – bem como da forma como todos interagem entre si.

Jim Kouri, vice-presidente da Associação Americana de Chefes de Polícia, defende uma ideia semelhante. Os traços de personalidade mais comuns entre os assassinos em série psicopáticos, observa ele – autoestima inflacionada, grande poder de persuasão,

encanto superficial, crueldade, ausência de remorso e manipulação dos outros – são partilhados por políticos e líderes mundiais. Por outras palavras, indivíduos que não fogem da polícia. Pelo contrário, lutam por cargos públicos. Tal perfil psicológico, observa Kouri, permite ao seu detentor fazer o que quiser, quando quiser, completamente indiferente às consequências morais, sociais ou legais dos seus atos.

Se nascermos sob a estrela certa, por exemplo, e detivermos poder sobre a mente humana como a Lua sobre o mar, podemos ordenar o genocídio de cem mil curdos e caminhar para o cadafalso com uma recalcitrância tão enigmática que suscite nos nossos mais encarniçados detratores uma deferência perversa não verbalizada.

“Não tenha medo, doutor”, disse Saddam Hussein no cadafalso, momentos antes da sua execução. “Isto é para homens.”

Se formos violentos e astutos, como Robert Maudsley, o “Hannibal Lecter” da vida real, podemos atrair um companheiro de prisão para a nossa cela, esmagar-lhe o crânio com um martelo e saborear-lhe os miolos com uma colher: com toda a naturalidade, como se estivéssemos a comer um ovo mal cozido. (A propósito, Maudsley tem vivido em prisão solitária ao longo dos últimos trinta anos, numa jaula à prova de bala, na cave da prisão de Wakefield, em Inglaterra.)

Em alternativa, se formos um brilhante neurocirurgião, implacavelmente frio e concentrado em situações de grande pressão, podemos, como James Geraghty, tentar a nossa sorte numa área totalmente diferente: num posto avançado da medicina do século XXI, onde o risco sopra com ventos de 150 quilómetros por hora e o oxigénio da decisão é escasso:

“Não tenho a mínima compaixão pelas pessoas que opero”, disse-me ele. “Pura e simplesmente não posso dar-me a esse luxo. Na sala de operações, renasço sob a forma de uma máquina fria e sem coração, tornando-me um só com o bisturi, o berbequim e a serra. Quando desafiamos e fintamos a morte, muito para além dos limites do cérebro, os sentimentos estão a mais. Emoção é entropia e é péssima para o trabalho. Ao longo dos anos, persegui-a até conseguir acabar com ela.”

Geraghty é um dos neurocirurgiões de topo no Reino Unido – e embora, por um lado, as suas palavras nos provoquem arrepios na espinha, por outro, fazem todo o sentido.

Bem fundo, nos guetos de alguns dos mais perigosos bairros do cérebro, o psicopata é vislumbrado como um predador só e implacável, um tipo solitário de fascínio passageiro e letal. Assim que a palavra se espalha, imagens de assassinos em série, violadores e bombistas loucos e eremitas invadem-nos a mente.

Mas se eu lhe pintasse um retrato diferente? Se lhe dissesse que o incendiário que lhe deita fogo à casa pode igualmente, num universo paralelo, ser o herói com maior probabilidade de enfrentar as traves ardentes de um edifício incandescente, prestes a desmoronar-se, arrastando para fora dele os seus entes queridos? Ou que o miúdo que tem uma faca consigo, na sombra das últimas filas do cinema, pode muito bem, no futuro, manusear um tipo muito diferente de faca numa sala de operações?

É seguramente difícil acreditar em afirmações como esta. Mas são verdadeiras. Os psicopatas são destemidos, seguros de si, carismáticos, implacáveis e altamente concentrados. Contrariamente à crença comum, porém, não são necessariamente violentos. E se isso lhe soa a boa notícia, pois bem, é-o de facto. Ou melhor: pode sê-lo. Depende, como acabámos de ver, do que se possa esconder nas gavetas do armário da nossa personalidade. Longe de ser um caso de sim ou sopas – somos um psicopata, ou não o somos –, há, em vez disso, zonas interiores e exteriores da perturbação da personalidade: um pouco como as zonas tarifárias de um mapa de metropolitano. Existe, como veremos no Capítulo 2, um espectro de psicopatia, ao longo do qual cada um de nós ocupa a sua posição. E só uma pequena minoria de figuras de proa reside no “centro da cidade”.

Determinado indivíduo, por exemplo, pode ser frio como gelo sob pressão e possuir menos empatia do que uma avalanche (encontraremos mais tarde alguns deste tipo), e, ao mesmo tempo, não agir violentamente – nem de forma antissocial, nem com ausência de consciência. Registrando pontuações elevadas relativamente a dois atributos psicopáticos, tal indivíduo pode ser corretamente situado no espectro psicopático a grande distância de alguém com pontuações mais baixas nesse par de atributos, sem no entanto se encontrar minimamente próximo da zona de perigo de alguém que regista valores elevados relativamente a todos os atributos.

Do mesmo modo que não existe uma linha oficial a separar alguém que joga golfe por diversão aos fins de semana de, por exemplo, um Tiger Woods, também a fronteira entre um superpsicopata *hole-in-one* de classe mundial e um que se limite a “psicopatizar” é pouco nítida. Imagine que os atributos psicopáticos são como os botões da mesa de mistura de um estúdio de som. Se deslocarmos todos os controlos para a posição máxima, obteremos uma banda sonora sem interesse para ninguém. Mas se a banda sonora for matizada e alguns dos comandos se encontrarem mais acima do que outros – como, por exemplo, a ausência de medo, a capacidade de concentração, a falta de empatia e a resistência mental –, podemos estar perante um cirurgião vários pontos acima dos seus colegas.

Evidentemente, a cirurgia é apenas um de muitos campos em que o “talento” psicopático pode revelar-se vantajoso. Mas há outros. Pensemos, por exemplo, no trabalho das forças de segurança. Em 2009, pouco depois de Angela Book publicar os resultados dos seus estudos, decidi fazer um pouco de investigação por conta própria. Se, como ela descobrira, os psicopatas *eram* realmente melhores na descodificação de vulnerabilidades, teria de haver aplicações práticas. Teria de haver formas de este talento, em vez de causar dano à sociedade, lhe proporcionar alguma vantagem. Fez-se-me luz no espírito quando encontrei um amigo no aeroporto. Todos ficamos um pouco paranoicos quando passamos na alfândega, pensei para comigo. Mesmo quando estamos perfeitamente inocentes. Mas imagine-se o que sentiríamos se *de facto* tivéssemos algo a esconder.

Trinta estudantes universitários participaram na minha experiência: metade tinha registado pontuações elevadas na Escala de Psicopatia Autoaplicável; a outra metade, valores baixos. Havia igualmente cinco “colaboradores”. A tarefa dos estudantes era fácil. Só tinham de se sentar numa sala de aulas e observar os movimentos dos colaboradores. Estes entravam por uma porta e saíam por outra, atravessando, durante o percurso, um pequeno palco elevado. Mas havia um truque. Os estudantes tinham igualmente de perceber quem era “culpado”: mais concretamente, qual dos cinco colaboradores escondia um lenço vermelho.

Para subir a fasquia e animar o exercício, o colaborador “culpado” receberia 100 libras. Caso o júri identificasse corretamente o culpado – isto é, se quando os votos fossem contados, o portador do lenço ficasse em primeiro lugar –, este teria de devolver o dinheiro. Se, pelo contrário, passasse despercebido e a suspeição recaísse mais intensamente sobre outro dos colaboradores, o “colaborador culpado” receberia a recompensa e ficaria com as 100 libras para si.

Os nervos estavam seguramente em franja quando os colaboradores entraram. Mas qual dos estudantes seria o melhor “funcionário da alfândega”? Os instintos predatórios dos psicopatas mostrar-se-iam fiáveis? Ou, pelo contrário, o seu faro para vulnerabilidades deixá-los-ia ficar mal?

Os resultados foram extraordinários. Mais de 70 por cento dos que registaram pontuações elevadas na Escala de Psicopatia Autoaplicável identificaram corretamente o portador do lenço, por comparação com apenas 30 por cento dos que tiveram pontuações mais baixas. Detetar a fraqueza pode muito bem ser, portanto, um dos elementos do estojo de ferramentas de um assassino em série. Mas pode também dar muito jeito nos aeroportos.

Radar Psicopático

Em 2003, Reid Meloy, professor de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade da Califórnia, em San Diego, realizou uma experiência que pretendia estudar o outro lado da equação do lenço vermelho. Claro que os tradicionais psicopatas “*hole-in-one*” podem ter a reputação de farejar a vulnerabilidade. Mas são igualmente conhecidos por nos arrepiarem. Histórias com origem na atividade clínica e relatos da vida quotidiana estão cheios de comentários daqueles que se encontraram com estes implacáveis predadores sociais: aforismos misteriosos e viscerais do tipo “fiquei com pele de galinha” ou “os pelos da nuca eriçaram-se-me”. Mas haverá aqui alguma coisa? Os nossos instintos resistirão ao escrutínio? Seremos tão bons a detetar os psicopatas como os psicopatas a detetar-nos a nós?

A fim de tentar chegar a uma conclusão, Meloy perguntou a quatrocentos e cinquenta profissionais de justiça criminal e saúde mental

se alguma vez tinham experimentado esse tipo de reações físicas estranhas, ao falar com indivíduos psicopatas: criminosos violentos com todos os controlos da mesa de mistura no máximo. Os resultados nada deixaram à imaginação. Mais de três quartos dos participantes responderam afirmativamente, referindo as participantes do sexo feminino uma incidência superior do fenómeno relativamente aos participantes masculinos (84 por cento *versus* 71 por cento); o pessoal clínico com mestrado ou bacharelato relatava uma incidência superior à dos doutorados e também, do outro lado da barreira profissional, à dos agentes da autoridade (84 por cento, 78 por cento e 61 por cento, respetivamente). Alguns exemplos dos relatos: “Senti que eu podia servir de almoço”; “Repugnância... repulsa... fascínio” e “Fui atravessado por uma essência de maldade”.

Mas o que estamos a tentar *detetar*, exatamente?

Para responder a esta questão, Meloy recua no tempo: até à Pré-História e aos obscuros ditames espectrais da evolução humana. Há inúmeras teorias sobre como se teria desenvolvido pela primeira vez a psicopatia e estudaremos algumas mais adiante. Mas uma questão mais abrangente no grande esquema etiológico das coisas é a de saber com que perspetiva ontológica se deve olhar para a doença. De um ponto de vista clínico, como uma perturbação da personalidade? Ou de um ponto de vista da Teoria dos Jogos, como um legítimo estratagema biológico – uma estratégia de história de vida que proporciona significativas vantagens reprodutivas no ambiente primordial dos nossos antepassados?

Kent Bailey, Professor Emérito de Psicologia Clínica na Virginia Commonwealth University, argumenta a favor deste último caso, propondo a teoria segundo a qual a competição violenta no seio e entre grupos ancestrais próximos teria constituído o precursor evolutivo fundamental da psicopatia (ou, nas suas palavras, do “falcão guerreiro”).

“Era necessário um certo grau de violência predatória”, explica Bailey, “para perseguir e matar caça grossa” – e um contingente de elite de implacáveis “falcões guerreiros” teria presumivelmente dado muito jeito, não apenas como meio de localizar e abater presas, mas também como força defensiva, sempre a postos para repelir avanços indesejados por parte de contingentes semelhantes de outros grupos

vizinhos. O problema, evidentemente, era o que fazer com os seus elementos em tempo de paz. Robin Dunbar, professor de Psicologia e Antropologia da Evolução na Universidade de Oxford, subscreve as afirmações de Bailey. Recuando ao tempo dos Noruegueses do período entre os séculos IX e XI, Dunbar cita os *berserkers*, isto é, os guerreiros, como um caso emblemático: os aclamados guerreiros *viking* que, como atestam as sagas e poemas, além dos registos históricos, parecem ter combatido com fúrias brutais, mais semelhantes a transes. Mas se aprofundarmos um pouco a literatura, aparece-nos um retrato mais sinistro: o de uma elite perigosa capaz de se voltar contra os membros da sua própria comunidade que estavam encarregados de proteger, cometendo atos de violência selvática contra os seus conterrâneos.

Aqui, segundo Meloy, reside a solução para o mistério: para o eriçar dos pelos e para o pensamento evolutivo de longo alcance por detrás do nosso “radar psicopático” residente. Porque, como defende Kent Bailey, se tais predadores ancestrais fossem de facto psicopatas, tendo em conta o que conhecemos da seleção natural, não se trataria de um caminho de sentido único. Os membros mais pacíficos, tanto das comunidades mais próximas, como das alargadas, desenvolveriam *eles próprios*, com toda a probabilidade, um mecanismo, a tecnologia de vigilância neural dissimulada, capaz de assinalar e comunicar perigo sempre que o seu espaço aéreo cognitivo fosse penetrado – um sistema de alerta precoce clandestino que lhes permitiria bater em retirada.

À luz do trabalho de Angela Book com vítimas de agressão e das minhas próprias investigações com lenços vermelhos dissimulados, tal mecanismo explicaria possivelmente tanto as diferenças de género, como de estatuto social, sugeridas pela experiência de Meloy. Considerando a excelente reputação dos psicopatas como autênticos escanções emocionais, e os seus narizes especializados nas insondáveis notas graves da vulnerabilidade, não é de excluir a possibilidade de as mulheres, a título de uma hábil recompensa darwiniana pela sua maior vulnerabilidade física, poderem exibir reações mais intensas e frequentes na presença de psicopatas – tal como ocorria, exatamente pela mesma razão, com os profissionais de saúde mental de estatuto social mais baixo. É certamente uma

hipótese de trabalho. Quanto mais ameaçados nos sentimos, quanto maior o risco de agressão, mais importante se torna não descurar a segurança.

Evidentemente, o facto de terem existido, nos dias obscuros dos nossos antepassados, caçadores impiedosos, desprovidos de remorsos, imensamente versados nas artes negras da predação, está para além de todas as dúvidas. Mas que tais caçadores, com a sua capacidade de se anteciparem à natureza, fossem psicopatas, tal como os conhecemos hoje em dia, é um pouco mais questionável. Do ponto de vista do diagnóstico, o obstáculo é a empatia.

Em tempos ancestrais, os caçadores mais produtivos e bem-sucedidos não eram, ao contrário do que se poderia esperar, os mais sanguinários e infatigáveis, mas sim os mais calmos e dotados de empatia. Eram os que se revelavam mais capazes de assimilar a mentalidade das suas presas – de se “pôr no lugar delas”. Assim conseguiam prever com maior fiabilidade as suas hábeis e inatas trajetórias de evasão: percursos e estratégias de fuga.

Para percebermos porquê, basta-nos observar uma criança a aprender a andar. O desenvolvimento gradual da locomoção ereta, de uma postura crescentemente bípede, anunciou e facilitou, em simultâneo, uma novíssima era – a das “idas à mercearia” por parte dos primeiros hominídeos. Uma postura vertical prefigurava uma mobilidade mais simples e eficiente, permitindo aos nossos antepassados habitantes da savana africana forragear e caçar por períodos consideravelmente mais longos do que lhes permitiria uma locomoção quadrúpede.

Mas a “caça de persistência”, como é conhecida pela Antropologia, apresenta os seus próprios problemas. Gnus e antílopes correm muito mais depressa e com maior facilidade do que um ser humano. Rapidamente desaparecem no horizonte. Mas se conseguirmos prever com rigor onde acabarão por se deter – seja procurando pistas que deixem para trás na sua fuga, seja lendo-lhes as mentes, ou ambos –, podemos obter um aumento marginal das nossas possibilidades de sobrevivência.

Mas então, se os predadores demonstram empatia e, em alguns casos, mesmo empatia *aperfeiçoada*, como podem de facto ser psicopatas? Se há uma coisa que suscita consenso geral é a manifesta

ausência de sentimento exibida pelos psicopatas, a sua singular *falta* de compreensão para com os outros. Como conseguir então a quadratura do círculo? A Neurociência Cognitiva pode dar-nos uma ajuda. Com a pequena assistência de uma filosofia moral perversa.

Vagonetologia

Joshua Greene, psicólogo da Universidade de Harvard, dedicou os últimos anos à observação do modo como os psicopatas resolvem dilemas morais e o seu cérebro responde no interior de diferentes câmaras de compressão éticas. Deparou-se com algo muito interessante: longe de ser uniforme, a empatia é esquizofrénica. Existem duas variedades distintas. Quente e fria.

Considere, por exemplo, o seguinte enigma (Caso 1), proposto pela primeira vez pela filósofa Philippa Foot:

Uma vagoneta de caminho de ferro segue descontrolada linha abaixo. No seu percurso encontram-se cinco pessoas presas aos carris e incapacitadas de fugir. Felizmente, é possível acionar uma alavanca que desviará a vagoneta, fazendo-a mudar de percurso e afastar-se das cinco pessoas – mas com um preço a pagar. Há outra pessoa presa no desvio e a vagoneta matá-la-á. Devemos acionar a alavanca?

A maioria das pessoas não sentirá grande dificuldade em decidir o que fazer neste cenário. Ainda que a ideia de acionar a alavanca não seja propriamente muito agradável, a opção utilitária – matar uma só pessoa em vez de cinco – representa a “escolha menos má”. De acordo?

Considere agora a seguinte variante (Caso 2), proposta pela filósofa Judith Jarvis Thomson:

Tal como antes, uma vagoneta de caminho de ferro precipita-se descontrolada ao longo dos carris, na direção de cinco pessoas. Mas, desta vez, estamos por trás de um desconhecido corpulento, numa passagem aérea sobre a linha. A única forma de salvar as cinco pessoas é precipitar o desconhecido para cima dos carris. A queda provocar-lhe-á morte certa. Mas a sua massa considerável bloqueará a vagoneta, salvando cinco vidas. Devemos empurrá-lo?

Neste caso, pode dizer-se que somos confrontados com um dilema “real”. Embora o balanço de vidas seja precisamente o mesmo que no primeiro exemplo (cinco para um), a nossa decisão sobre o que fazer é agora muito mais difícil. Mas porque será assim?

Joshua Greene pensa ter a resposta. E esta resume-se a uma questão de temperatura.

O Caso 1, segundo ele, representa aquilo que poderemos designar por dilema moral *impessoal*. Envolve as áreas do cérebro – o córtex pré-frontal e o córtex parietal posterior (em particular, o córtex paracingulado anterior, o polo temporal e o sulco temporal superior) – que são as principais responsáveis pela empatia *fria*: isto é, pelo raciocínio e o pensamento racional.

O Caso 2, por outro lado, é o que poderemos chamar um dilema moral *pessoal* e envolve o centro de emoções do cérebro, as amígdalas – o circuito da empatia *quente*.

Tal como acontece com a maioria das pessoas normais, os psicopatas têm relativamente poucos problemas em lidar com o Caso 1. Ativam a alavanca, desviando a vagoneta e matando uma única pessoa, em vez de cinco. No entanto, de forma *bastante diferente* das pessoas normais – e é aqui que o enredo se adensa –, sentem também poucas dificuldades em lidar com o Caso 2. Os psicopatas, sem um momento de hesitação, não têm a menor dificuldade em empurrar o sujeito gordo para a linha, se é assim que as coisas funcionam.

Mais: esta diferença de comportamentos apresenta uma assinatura neural perfeitamente distinta. O padrão de ativação cerebral é idêntico, tanto nos psicopatas como nas pessoas normais, perante dilemas morais impessoais – mas radicalmente diferente quando as coisas começam a ficar um pouco mais pessoais.

Imagine agora que eu o ligava a um aparelho de ressonância magnética e lhe apresentava os dois dilemas. O que observaria eu enquanto o leitor tentasse resolvê-los? Pois bem, no preciso momento em que a natureza do dilema se alterasse de impessoal para pessoal, veria as suas amígdalas, bem como os circuitos cerebrais que se relacionam com elas – o córtex orbitofrontal medial, por exemplo –, a iluminar-se como uma máquina de *flippers*. Por outras palavras, no preciso momento em que a emoção inserisse a sua moeda na ranhura.

Num psicopata, pelo contrário, não veria nada. O cavernoso casino neural permaneceria imerso na mais total escuridão. E a mudança de impessoal para pessoal passaria totalmente despercebida.

Esta distinção entre empatia quente e fria, o tipo de empatia que “sentimos” ao observar os outros e o cálculo emocional frio que nos permite sondar, de forma fria e desapaixonada, o que outra pessoa estará a pensar, deveria ser música para os ouvidos de teóricos como Reid Meloy e Kent Bailey. É certo que os psicopatas podem ser deficientes na primeira variedade, a do tipo suscetível. Mas no que toca à segunda, a que codifica “compreender” mais do que “sentir”; a que permite previsões abstratas e desapaixonadas por oposição a identificação pessoal; a que se baseia no processamento simbólico e não na simbiose afetiva – o mesmo conjunto de competências cognitivas presentes em caçadores experientes e em adivinhos, em ilusionistas e em médiuns, não apenas no ambiente natural, mas também na arena humana –, aí, os psicopatas têm o seu próprio campeonato. Voam ainda melhor só com um motor de empatia do que com dois – sendo esta, evidentemente, apenas uma das razões de serem tão persuasivos. Se sabemos quais são os botões e não nos sentimos nervosos ao pressioná-los, há grandes probabilidades de ganharmos o *jackpot*.

A empatia como linha divisória é certamente música para os ouvidos de Robin Dunbar, que, quando não está a estudar *berserkers*, pode por vezes ser encontrado no Magdalen College Senior Common Room. Numa tarde, frente a chá e bolinhos, numa sala forrada a carvalho com vista para o claustro, falo-lhe nas vagonetas de caminho de ferro e na diferença que revelam entre o funcionamento cerebral psicopático e o normal. Não se mostra minimamente surpreendido.

“Os *Vikings*, no seu tempo, sabiam gerir os seus negócios”, explica. “E os *berserkers* seguramente não faziam nada que lhes pudesse prejudicar a reputação de gente com quem não convinha metermo-nos. Mas essa era a sua função. O seu papel era serem mais implacáveis, mais frios, mais selváticos do que o típico soldado *viking*, porque... era exatamente isso que eram! Eram *realmente* mais implacáveis, frios e selváticos. Se ligássemos um *berserker* a um *scanner* cerebral e lhe colocássemos o dilema da vagoneta, tenho poucas dúvidas do que

obteríamos. Exatamente o mesmo que no caso dos psicopatas. Nada. E o gordo ia à vida!”

Sirvo-me de um *scone*.

“Estou convencido de que todas as sociedades necessitam de indivíduos com determinadas particularidades para lhes fazer o trabalho sujo”, prossegue. “Alguém sem medo de tomar decisões difíceis. De fazer perguntas incômodas. De se pôr na ribalta. E frequentemente esses indivíduos, pela própria natureza do trabalho que lhes é destinado, não vão ser necessariamente o tipo de pessoas com quem gostaríamos de nos sentar a tomar chá. Uma sandes de pepino?”

Daniel Bartels, da Universidade de Columbia, e David Pizarro, de Cornell, não podiam estar mais de acordo – e têm provas documentais. Os estudos mostram que aproximadamente 90 por cento das pessoas recusariam empurrar o desconhecido da ponte abaixo, mesmo sabendo que, se conseguissem ultrapassar os seus constrangimentos morais, o número de baixas seria quatro quintos inferior. Isso, evidentemente, deixa de fora 10 por cento das pessoas: uma minoria de menor higiene moral que, quando é preciso passar à ação, tem poucos ou nenhuns pruridos em pôr em questão a vida de outro. Mas quem é esta minoria sem escrúpulos? Quem são estes 10 por cento? Para descobrirem, Bartels e Pizarro propuseram o problema da vagoneta a mais de duzentos estudantes, pedindo-lhes que assinalassem, numa escala de quatro níveis, até que ponto eram favoráveis a empurrar o homem gordo da passagem aérea – ou seja, quão “utilitários” eram. De seguida, em conjunto com a questão “vagonetalógica”, os estudantes responderam igualmente a uma série de questões de personalidade especificamente concebidas para medir níveis latentes de psicopatia. Entre estas, incluíam-se afirmações como “Gosto de ver lutas de socos” e “A melhor forma de lidar com as pessoas é dizer-lhes o que querem ouvir” (concordo/discordo numa escala de 1 a 10).

“Poderiam psicopatia e utilitarismo estar ligados?”, perguntaram-se Bartels e Pizarro. A resposta foi um retumbante “sim”. A sua análise revelou uma correlação muito significativa entre uma abordagem utilitarista ao problema da vagoneta (empurrar o homem gordo da ponte abaixo) e um estilo de personalidade predominantemente psicopático. O que, relativamente à previsão de Robin Dunbar, é

essencialmente correto – mas algo problemático no que toca à abordagem tradicional ao utilitarismo. No grande esquema das coisas, Jeremy Bentham e John Stuart Mill, os dois filósofos britânicos do século XIX responsáveis pela formalização da teoria do utilitarismo, são em geral considerados “bons”.

“A maior felicidade do maior número constitui a base da moral e da legislação”, como reza a famosa formulação de Bentham.

Se, porém, aprofundarmos um pouco mais, emerge um quadro mais complexo, bizarro, obscuro – um quadro de impiedosa seletividade e traiçoeiras correntes morais. Conceber essa legislação, por exemplo, esculpir essa moral, implicará inevitavelmente pisar os interesses de outrem. De determinado grupo, determinada causa, que, pela simples lotaria dos números, tem de dar o corpo às balas em nome do “bem maior”. Mas quem é suficientemente destemido para carregar no gatilho? Bartels e Pizarro podem ter encontrado um padrão no laboratório. Mas e na vida de todos os dias? Será aí que o psicopata encontra as suas condições ideais?

O Lado Negro do Desembarque na Lua

A questão do que é necessário para se ser bem-sucedido em determinada profissão, para cumprir a sua função de forma satisfatória, não é assim tão difícil de responder. A par do conjunto de competências dedicadas necessário para cumprir as obrigações profissionais, existe, seja no Direito, seja na Gestão, seja em qualquer outro campo profissional, uma seleção de traços de personalidade que indiciam altos desempenhos.

Em 2005, Belinda Board e Katarina Fritzson, da Universidade de Surrey, realizaram um inquérito com o objetivo de compreender com precisão o que faz correr os líderes empresariais. Quais eram, pretendiam elas descobrir, as principais facetas da personalidade que separam os que viram à esquerda, quando entram num avião, dos que viram à direita.

Board e Fritzson organizaram três grupos – gestores, doentes psiquiátricos e criminosos hospitalizados (neste último caso, incluindo simultaneamente psicopatas e pacientes de outras doenças

psiquiátricas) –, comparando os seus desempenhos num teste de perfis psicológicos.

A sua análise revelou que um certo número de atributos psicopáticos era na verdade mais comum em gestores do que nos chamados criminosos “transtornados” – atributos como encanto superficial, egocentrismo, poder de persuasão, ausência de empatia, independência e capacidade de concentração – e que a principal diferença entre os grupos se localizava nos aspetos mais “antissociais” da síndrome: os seletores da infração à lei, da agressão física e da impulsividade dos criminosos (para regressarmos à nossa analogia da mesa de mistura) estavam deslocados para cima.

Outros estudos parecem confirmar a imagem da “mesa de mistura”: a linha de fronteira entre psicopatia funcional e disfuncional depende não da presença de atributos psicopáticos *per se*, mas antes dos respetivos níveis e da forma como são combinados. Mehmet Mahmut e os seus colegas da Universidade de Macquarie demonstraram recentemente que os padrões de disfunção cerebral (mais especificamente, os relativos ao córtex orbitofrontal, a região do cérebro que regula o contributo das emoções para a tomada de decisões) observados em psicopatas, criminais ou não criminais, exibem diferenças dimensionais, em vez de diferenças descontínuas. O significado disto, segundo ele, é que os dois grupos não devem ser encarados como populações qualitativamente distintas, mas antes ocupando diferentes posições ao longo do mesmo contínuo neuropsicológico.

Numa linha semelhante (ainda que menos *high-tech*), pedi a uma turma de caloiros universitários que se imaginassem gestores numa empresa de seleção profissional. “Impiedoso, destemido, charmoso, amoral e concentrado”, disse-lhes eu. “Suponham que tinham um cliente com esse tipo de perfil. Qual o setor profissional que mais se lhe adequaria?”

As respostas, como veremos adiante, não podiam ter sido mais perspicazes. Diretor executivo, espião, cirurgião, político, militar... todas estas profissões vieram à baila. Juntamente com *serial killer*, assassino e assaltante de bancos.

“A capacidade intelectual, por si só, não é senão uma forma elegante de terminar em segundo”, explicou-me um diretor executivo de sucesso. “Repare que não é por acaso que comparam isto a um

pau-de-sebo. O caminho até ao topo é duro. Mas subir torna-se mais fácil se nos firmarmos nos outros. Mais fácil ainda, se eles pensarem que têm algo a *ganhar* com isso.”

Jon Moulton, um dos mais bem-sucedidos investidores de capital de risco de Londres, concorda. Numa recente entrevista ao *Financial Times*, aponta a determinação, a curiosidade e a insensibilidade como os seus três mais preciosos traços de personalidade. Os dois primeiros são *previsíveis*. Mas... insensibilidade? “O que a insensibilidade tem de melhor”, explica Moulton, “é permitir-nos dormir quando os outros não conseguem.”

Se a ideia de os traços psicopáticos de personalidade darem uma mãozinha no mundo empresarial não surpreende especialmente, que dizer do espaço? Lançar psicopatas para o fundo do cosmo não inspira, atrevo-me a dizer, grande confiança, dada a sua reputação terrestre. Além de que os atributos psicopáticos, dir-se-ia, não deverão ser propriamente os mais reputados de entre os extraordinariamente exclusivos critérios de seleção de astronautas utilizados pela NASA. Mas uma história que em tempos me contaram ilustra de forma gráfica o modo como a neurologia refrigerada evidenciada nos *scans* cerebrais de Robert Hare pode, em determinadas situações, proporcionar benefícios reais: como a concentração reptiliana e a indiferença cristalina do neurocirurgião James Gerahty podem por vezes significar grandeza, não apenas na sala de reuniões, no tribunal ou no bloco operatório, mas também num mundo totalmente outro.

A história é a seguinte. A 20 de julho de 1969, quando Neil Armstrong e o seu companheiro Buzz Aldrin navegavam sobre a superfície lunar, em busca de um local para aterrar, estiveram a poucos segundos de se despenhar sobre o solo. O problema era a geologia, que era pura e simplesmente demasiada. E o combustível demasiado pouco. Rochas e pedregulhos estavam espalhados por todo o lado, impossibilitando uma aproximação segura. Aldrin limpou o suor da testa. Com um olho no indicador de nível de combustível e o outro no terreno, fez um ríspido ultimato a Armstrong: aterra isto – e depressa!

Armstrong, porém, era decididamente mais fleumático. Talvez – quem sabe? – nunca tivesse tido paciência para penduras nervosas.

Mas com o tempo a esgotar-se, o combustível a acabar e a perspectiva de morte por gravidade cada vez mais provável, concebeu calmamente um plano. Instruiu então Aldrin a converter em segundos a quantidade de combustível remanescente. Ia iniciar uma contagem decrescente. Em voz alta.

Aldrin fez o que lhe era pedido.

Setenta... sessenta... cinquenta...

Enquanto contava, Armstrong analisava cuidadosamente a impiedosa topografia lunar.

Quarenta... trinta... vinte...

E a paisagem recusava-se a ceder um centímetro.

Foi então que, quando faltavam uns meros dez segundos, Armstrong divisou a sua oportunidade: um oásis prateado vazio imediatamente abaixo do horizonte. De súbito, impercetivelmente, como um predador que se precipita sobre a presa, o seu cérebro focou-se intensamente. Como se estivesse num voo de treino, manobrou destramente a aeronave no sentido da zona de alunagem. E executou, na única clareira que havia em quilómetros em redor, a perfeita alunagem de antologia. Um passo de gigante para a humanidade. Mas, por um triz, uma tragédia cosmológica gigante.

Peritos em Desativação de Bombas – o Que os Faz não Correr?

Este extraordinário relato de incrível descontração interplanetária simboliza bem a vida no horizonte da possibilidade, onde triunfo e desastre partilham uma frágil e angustiante fronteira, através da qual o trânsito se faz livremente. Desta vez, porém, a estrada para o desastre foi fechada. E a calma de Neil Armstrong debaixo de fogo resgatou da calamidade cósmica um dos mais grandiosos feitos da história das realizações humanas. Mas há mais. A pulsação cardíaca de Armstrong, segundo revelaram mais tarde os relatórios, praticamente não se desviou de valores normais. Podia perfeitamente estar a pôr gasolina no carro numa estação de serviço e não a alunar uma nave espacial. Uma estirpe estranha de génio cardiovascular? A ciência sugere outra coisa.

Na década de 1980, Stanley Rachman, investigador na Universidade de Harvard, descobriu algo parecido nas brigadas de minas e armadilhas. O que separava – pretendia Rachman saber – os homens dos rapazes nesta profissão de elevado risco, onde se trabalha sempre no arame? Todos os operacionais de desativação de bombas são bons. Caso contrário, estariam mortos. Mas o que tinham as estrelas que faltava aos profissionais um pouco menos brilhantes?

Para descobrir, reuniu um conjunto de operacionais *experientes* – com dez ou mais anos de serviço –, que dividiu em dois grupos: os que tinham sido *condecorados* pelo seu trabalho e os outros. Comparou de seguida a sua pulsação cardíaca no terreno, em missões que exigiam níveis de concentração particularmente elevados.

As conclusões a que chegou foram surpreendentes. Embora as pulsações de *todos* os operacionais permanecessem estáveis, algo de verdadeiramente inacreditável ocorria com os condecorados. As pulsações *destes*, na verdade, *diminuíam*. Assim que penetravam na zona de perigo (ou, nas palavras de um tipo com quem falei, na “rampa de lançamento”), entravam num estado de fria concentração meditativa: um nível *mezzanine* de consciência em que passavam a formar um só com o dispositivo em que estavam a trabalhar.

A análise de seguimento foi mais fundo, revelando a causa da disparidade: confiança. Os operacionais condecorados obtinham pontuações mais elevadas do que os seus colegas não condecorados em testes de autoconfiança fundamental.

Era a convicção que os fazia correr.

Stanley Rachman sabe tudo sobre a neurologia destemida e glacial do psicopata. E as suas descobertas foram seguramente explosivas. De tal modo que ele próprio levantou a questão: será que não deveríamos estar mais atentos às nossas brigadas de minas e armadilhas? A conclusão a que chegou parece bastante clara: “[...] nos operacionais que foram premiados por comportamento corajoso/destemido”, segundo ele, “não foram verificadas quaisquer anormalidades psicológicas ou comportamentos antissociais”. Pelo contrário, observa, “na maioria das descrições de psicopatia incluem-se objetivos como ‘irresponsável’ e ‘impulsivo’”. Adjetivos que, segundo a sua experiência, não se aplicavam a nenhum dos seus sujeitos de estudo.

Porém, à luz do inquérito de 2005 de Belinda Board e Katarina Fritzon, que, se o leitor se recorda, demonstrava que diversos traços de personalidade psicopática eram mais prevalecentes entre gestores de topo do que entre criminosos psicopatas diagnosticados, os comentários de Rachman conduzem diretamente à questão de saber o que queremos dizer exatamente quando empregamos a palavra “psicopata”. Nem todos os psicopatas são totalmente selvagens, tão perigosos para a sociedade, como ele nos poderia fazer crer. Na verdade, a conclusão que se destaca do estudo de Board e Fritzon é a sugestão de ser precisamente esta componente “antissocial” da perturbação, que compreende os elementos de impulsividade e irresponsabilidade, que “faz ou desfaz” o psicopata – que o codifica, dependendo dos valores para que são deslocados os seus seletores de personalidade na mesa de mistura, programados para a disfunção ou, pelo contrário, para o sucesso.

Para lançar mais um obstáculo metodológico, verifica-se que os técnicos das brigadas de minas e armadilhas não são os únicos a experimentar uma queda na pulsação quando lançam mãos ao trabalho. Os especialistas em relacionamentos Neil Jacobson e John Gottman, autores da popular obra *When Men Batter Women* [“Quando os Homens Espancam as Mulheres”], observaram perfis cardiovasculares idênticos em certo tipo de abusadores. Estes, demonstram os estudos, ficam de facto mais descontraídos quando espancam as parceiras do que quando descansam numa poltrona, de olhos fechados.

Na sua muito citada tipologia de abusadores, Jacobson e Gottman chamam “Najas” aos indivíduos com este tipo de perfil. Os Najas, ao contrário dos seus colegas “Pit Bulls”, atacam de forma rápida e feroz, conservando o controlo da situação. De forma megalómana, sentem-se no direito de desfrutar de tudo que lhes apetecer, sempre que lhes apetecer. Além disso, como o seu nome sugere, ficam calmos e concentrados antes de lançar as suas ofensivas. Os Pit Bulls, pelo contrário, são emocionalmente mais voláteis e propensos a deixar as situações deteriorar-se, deixando-se possuir por uma raiva descontrolada. Outras comparações entre estes dois grupos proporcionam uma leitura interessante:

Najas	Pit Bulls
Violência para com os outros	Normalmente só são violentos com os parceiros
Sentem poucos remorsos	Mostram algum grau de culpa
Motivadas pela recompensa imediata	Motivados pelo medo de serem abandonados
Capazes de deixar andar e seguir em frente	Obsessivos, muitas vezes perseguem a vítima
Sentem-se superiores	Adotam o papel de vítima
Desenrascados a conversar; capazes de inventar uma história diante das autoridades	Maior vulnerabilidade emocional
Sedutores e carismáticos	Deprimidos e introvertidos
Controlo significa não mandarem neles	Controlo significa uma constante supervisão do parceiro
Educação traumática; violência na família	Algum nível de violência no passado familiar
Impermeável às intervenções médicas	Por vezes, beneficiam de programas de tratamento

Tabela 1.1 – Diferenças entre Najas e Pit Bulls

Uma ausência radical de medo pode muito bem ter origem na coragem, como sugere Rachman no caso da desativação de bombas. Pode ser suscetível de habituação, através de uma exposição recorrente ao perigo. Mas há indivíduos que reclamam essa falta de medo como seu direito de nascença – indivíduos cuja biologia fundamental é tão distinta da de todos nós que permanece, tanto a nível consciente *como* inconsciente, completamente impermeável até aos resquícios mais diminutos de antígenos de ansiedade. Sei do que falo, porque testei pessoas assim.

O Odor do Medo

Se alguma vez, durante uma viagem de avião, se assustou com a turbulência, ou se sentiu ligeiramente incomodado quando um comboio parou no meio de um túnel, ou simplesmente experimentou aquela indefinível sensação de temor que nos diz que “algo não está bem”, é

possível que estivesse a responder ao medo dos que o rodeiam tanto quanto a qualquer outro fator. Em 2009, Lilianne Mujica-Parodi, uma neurocientista cognitiva da Universidade Stony Brook de Nova Iorque, recolheu amostras de suor das axilas de paraquedistas que davam o seu primeiro salto, quando estes se precipitavam a velocidade extrema para o solo. De volta ao laboratório, transferiu então o suor – recolhido em tecidos absorventes colocados nas axilas dos voluntários –, juntamente com amostras de suor comum resultante de exercício físico normal numa passadeira, para uma “caixa nebulizadora” especialmente calibrada e projetou-o sobre as narinas de um segundo grupo de voluntários, sujeitos ao mesmo tempo a um exame de ressonância magnética funcional¹.

Imagina qual foi o resultado? Apesar de nenhum dos voluntários fazer a mínima ideia do que estava a inalar, aqueles que tinham sido expostos ao “suor de medo” apresentavam uma atividade consideravelmente superior nas zonas de processamento do cérebro (amígdalas e hipotálamos) do que os que tinham simplesmente inalado o suor decorrente de exercício físico normal. Além disso, numa tarefa de reconhecimento de emoções, os voluntários que tinham inalado o suor de medo avaliavam se um rosto ostentava uma expressão ameaçadora ou neutral com uma precisão 43 por cento superior aos que tinham sido unicamente sujeitos ao suor normal.

Tudo isto levanta uma questão muito interessante: será que podemos “apanhar” medo da mesma forma que apanhamos uma constipação? Mujica-Parodi e a sua equipa parecem decididamente ser dessa opinião e, à luz das suas conclusões, aludem à possibilidade de “existir, oculto na dinâmica social humana, um componente biológico que torna o *stress* emocional, literalmente, ‘contagioso’”.

O que levanta, evidentemente, uma questão ainda *mais* interessante: e a imunidade? Estarão alguns de nós mais propensos para contrair o micróbio do medo do que outros? Terão alguns de nós mais “faro” para o medo? Para descobrir, levei a cabo uma variante do estudo Mujica-Parodi. Em primeiro lugar, apresentei a um grupo de

1. Neste exame, um magneto gigante circunda a cabeça do paciente. As alterações de direção do campo magnético induzem os átomos de hidrogénio a emitir ondas de rádio. Essas ondas aumentam quando o oxigénio no sangue aumenta, indicando as partes do cérebro mais ativas.

voluntários um filme de terror (*Candyman*) e coloquei um segundo grupo numa passarela de ginásio. De seguida, recolhi o suor. Em terceiro lugar, engarrafei-o (por assim dizer). Finalmente, vaporizei-o junto das narinas de um segundo grupo de voluntários que se dedicava a um jogo de apostas simulado.

O jogo em questão era o *Cambridge Gamble Task*, um teste informatizado de tomada de decisões sob risco que compreende uma sequência de provas nas quais se apresenta aos participantes um conjunto de dez caixas (de cor vermelha ou azul). Em cada prova, os participantes têm de adivinhar qual das caixas esconde uma ficha amarela. A proporção de caixas coloridas de cada cor varia de prova para prova (por exemplo, seis vermelhas e quatro azuis; uma azul e nove vermelhas) e os participantes começam com um total de 100 pontos – dos quais têm de apostar uma percentagem fixa (5%, 25%, 50%, 75%, 95%) no resultado da primeira prova. O que acontece então está dependente do resultado. Dependendo de ganharem ou perderem, o montante apostado é adicionado ou subtraído dos seus pontos iniciais e o protocolo é repetido, com um total acumulado, em todas as provas seguintes. Apostas mais altas estão associadas a riscos mais elevados.

Caso a teoria de Mujica-Parodi fosse válida, a previsão seria bastante simples. Os voluntários que inalassem o suor *Candyman* agiriam com mais prudência e fariam apostas mais conservadoras do que os que inalassem o suor decorrente do exercício na passarela.

Só que havia um truque. Metade dos voluntários eram psicopatas. Seriam os psicopatas, famosos pela sua frieza sob pressão, imunes ao *stress* dos outros participantes? Seriam eles, como são os caçadores e pisteiros experientes, hipervigilantes relativamente a indicações *visuais* de vulnerabilidade – como descobriu Angela Book –, mas quimicamente impermeáveis a indicações *olfactivas*?

Os resultados da experiência não podiam ser mais claros. Exatamente como se previa a partir das conclusões de Mujica-Parodi, os voluntários não psicopatas jogaram pelo seguro quando expostos ao suor de medo, apostando menores percentagens nos resultados das extrações. Mas os psicopatas não registaram qualquer alteração. Não eram só mais ousados de início, mas também a finalizar, continuando a apostar alto e a assumir riscos, mesmo quando eram bombeados de “medo”. Os seus sistemas imunitários neurológicos pareciam

atacar imediatamente o “vírus”, adotando uma postura de tolerância zero para com a ansiedade. Ao contrário do resto de nós, que lhe permitimos simplesmente disseminar-se.

Espada de Dois Gumes

Lido de passagem na montra de uma livraria ou, mais provavelmente, nos dias que correm, na Amazon, *The Wisdom of Pshycopaths* (O Que Podemos Aprender com os Psicopatas) pode parecer uma associação demasiado estranha de palavras para ter lugar na capa de um livro. Apelativa, talvez. Mas estranha, seguramente. Esta justaposição um pouco chocante desses dois monólitos existenciais, “sabedoria” e “psicopatas”, dir-se-ia, proporciona pouco compromisso semântico, no sentido de um diálogo construtivo e produtivo, pautado pela lógica, à volta da mesa de negociações científica.

No entanto, a tese nuclear subjacente, segundo a qual os psicopatas possuem sabedoria, tem a máxima seriedade. Não, porventura, sabedoria na aceção tradicional da palavra, como característica decorrente do avanço dos anos e da acumulação de experiência de vida, mas como uma função inata e inefável do seu ser.

Considere-se, por exemplo, a seguinte analogia, da autoria de alguém que conheceremos mais tarde.

Um psicopata.

Confinado, permitam-me acrescentar, aos limites rarefeitos e claustrofóbicos de uma unidade de máxima segurança para reclusos que padecem de perturbações da personalidade.

“Um desportivo potente, topo de gama”, não é bom nem mau, isso depende de quem estiver ao volante. Pode, por exemplo, permitir a um condutor talentoso e experiente levar a mulher ao hospital a tempo de ter um filho. Ou, pelo contrário, num universo paralelo, pode fazer precipitar de uma falésia um rapaz de dezoito anos e a sua namorada.

“Na essência, tudo depende da condução. Dito de uma forma simples, do talento do condutor...”

Tem razão. Talvez a característica única e distintiva do psicopata, a decisiva diferença “assassina”, que distingue a personalidade

psicopática da personalidade da maioria das pessoas “normais”, seja o facto de os psicopatas se estarem a borrifar para aquilo que os seus concidadãos pensam. Não poderiam ser mais indiferentes àquilo que a sociedade, como um todo, possa achar dos seus atos. Isto, num mundo em que a imagem, as marcas, a reputação são mais sacrossantas do que nunca – em quantos vamos: quinhentos milhões no Facebook? Duzentos milhões de vídeos no YouTube? Uma câmara de vigilância para cada vinte pessoas no Reino Unido? –, constitui, indubitavelmente, uma das razões principais para os psicopatas se meterem em tantos sarilhos.

E, evidentemente, para os acharmos tão fascinantes.

Essa característica pode, contudo, predispor também ao heroísmo e à resistência mental. As qualidades estimáveis como coragem, integridade e bondade: a capacidade, por exemplo, de entrar em edifícios em chamas para salvar as vidas dos que se encontram no interior. Ou empurrar tipos gordos do passadiço abaixo para deter comboios desgobernados.

A psicopatia assemelha-se de facto a um automóvel desportivo de alto rendimento. É uma espada de dois gumes que, inevitavelmente, corta de ambos os lados.

Ao longo dos capítulos seguintes, com pormenores científicos, sociológicos e filosóficos, farei a crónica desta espada de dois gumes e do perfil psicológico único dos indivíduos que a brandem. Começaremos por tentar perceber quem é, exatamente, o psicopata (se não o monstro em que habitualmente pensamos). Viajaremos simultaneamente pelo interior e exterior da metrópole psicopática, atravessando os ultraviolentos guetos da baixa e os subúrbios mais descontraídos, frondosos e agradáveis de visitar.

Tal como acontece com qualquer escala ou espectro, ambas as extremidades têm os seus cabeças de cartaz mediáticos. Numa das extremidades, temos os Sutcliffes, os Lecters e os Bundys – os Estripadores, os Retalhadores e os Estranguladores. Na outra, temos os *antipsicopatas*: atletas espirituais de elite como os monges budistas tibetanos que, ao longo de anos e anos de meditação de nível cinturão negro, em remotos mosteiros dos Himalaias, nada sentem a não ser compaixão. Na verdade, as mais recentes investigações no campo da Neurociência Cognitiva sugerem que o espectro pode ser circular...

que ao longo do meridiano neural da sanidade e da loucura, psicopatas e antipsicopatas se sentam bem perto uns dos outros. Tão perto e, no entanto, tão longe.

Dos meridianos neurais separados, voltaremos a nossa atenção para a Arqueologia Cognitiva. Agora que esboçámos as coordenadas da psicopatia contemporânea, partiremos em busca das suas origens. Utilizando a Teoria dos Jogos, a Lógica e a Psicologia Evolutiva de ponta, reconstruiremos as condições, bem fundo no nosso passado ancestral, sob as quais os psicopatas poderão ter evoluído. Exploraremos ainda a possibilidade – tão profunda como perturbadora – de que, na sociedade do século XXI, eles *continuem* a evoluir e de que a doença esteja a tornar-se adaptativa.

Analisaremos aprofundadamente as vantagens de se ser psicopata – ou melhor, de, pelo menos em algumas situações, ter os controlos ajustados para um nível um pouco superior ao normal. Consideraremos a ausência de medo. A crueldade. A sua “presença” (os psicopatas tendem a pestanejar um pouco menos do que as outras pessoas; uma aberração fisiológica que ajuda frequentemente a conferir-lhes aquela enervante aparência hipnótica)². Devastadores, deslumbrantes e superconfiantes são os epítetos que geralmente ouvimos acerca deles. Não, como seria de esperar, *da boca deles*. Mas, sim, das suas *vítimas*! A ironia não podia ser mais clara. Os psicopatas, por uma qualquer piada *darwiniana*, parecem possuir exatamente as atributos de personalidade que muitos de nós morreriam por possuir. Características, para dizer a verdade, pelas quais muitos *de facto* morreram – razão pela qual o nosso velho amigo Fabrizio Rossi tinha dificuldade em acreditar que algo de bom pudesse sair dos entrepisos.

Exploraremos os bastidores de uma das mais aclamadas unidades de psicopatia de todo o mundo e ouviremos o testemunho de um psicopata sobre os problemas, dilemas e desafios com que cada um

2. Muitos dos que entram em contacto com psicopatas comentam posteriormente os seus olhos invulgarmente perscrutadores – facto que não passou despercebido a inúmeros argumentistas de Hollywood. A razão precisa desta característica é pouco clara. Por um lado, o ritmo do pestanejar constitui um índice fiável dos níveis de ansiedade em repouso. Assim, tal como mencionámos, os psicopatas piscam os olhos, em média, ligeiramente menos do que as outras pessoas – o que constitui um artefacto autonómico que pode muito bem contribuir para a sua intensa aura “reptiliana”. Por outro lado, tem-se também especulado que o olhar intenso dos psicopatas pode refletir níveis de concentração predatórios otimizados: tal como os jogadores de póquer de nível mundial, eles revistam psicologicamente os seus “opositores”, em busca de sinais emocionais reveladores.

de nós se confronta ao longo da sua vida quotidiana. Ficaremos a par das atividades de Kent Kiehl, neurocientista e caçador de psicopatas, enquanto se desloca num camião de dezoito rodas que aloja um aparelho de ressonância magnética funcional feito por medida, percorrendo as penitenciárias estaduais dos Estados Unidos da América.

Além disso, numa experiência inovadora e irrepetível, eu sujeito-me finalmente a uma “reconstrução psicopática” de mim próprio, depois de um especialista de renome mundial em estimulação magnética transcraniana simular, com a ajuda de neurocirurgia remota não invasiva, um estado cerebral psicopático no interior da *minha* cabeça (o efeito já passou).

À medida que *O Que Podemos Aprender com os Psicopatas* for progredindo, a verdade, tal como um predador sem remorsos, começará lentamente a fechar o círculo. Claro que estes tipos podem picar-nos, como o escorpião. Mas podem igualmente salvar-nos a vida. E, de uma maneira ou de outra, têm seguramente algo a ensinar-nos.

